



LÍNGUAGENS E CÓDIGOS

Instrução: As questões de números 25 a 28 tomam por base um fragmento do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895), em que o narrador comenta suas reações ao ensino que recebia no colégio:

O ATENEU

A doutrina cristã, anotada pela proficiência do explicador, foi ocasião de dobrado ensino que muito me interessou. Era o céu aberto, rodeado de altares, para todas as criações consagradas da fé. Curioso encarar a grandeza do Altíssimo; mas havia janelas para o purgatório a que o Sanches se debruçava comigo, cuja vista muito mais seduzia. E o preceptor tinha um tempero de unção na voz e no modo, uma sobrançeria de diretor espiritual, que fala do pecado sem macular a boca. Expunha quase compungido, fincando o olhar no teto, fazendo estalar os dedos, num enlevo de abstração religiosa; expunha, demorando os incidentes, as mais cabeludas manifestações de Satanás no mundo. Nem ao menos dourava os chifres, que me não fizessem medo; pelo contrário, havia como que o capricho de surpreender com as fantasias do Mal e da Tentação, e, segundo o lineamento do Sanches, a cauda do demônio tinha talvez dois metros mais que na realidade. Insinuou-me, é certo, uma vez, que não é tão feio o dito, como o pintam.

O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensando, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches. E quando ele punha-se a contar histórias de castidade, sem atenção à parvidade da matéria do preceito teológico, mulher do próximo, Conceição da Virgem, terceiro-luxúria, brados ao céu pela sensualidade contra a natureza, vantagens morais do matrimônio, e porque a carne, a inocente carne, que eu só conhecia condenada pela quaresma e pelos monopolistas do bacalhau, a pobre carne do *beef*, era inimiga da alma; quando retificava o meu engano, que era outra a carne e guisada de modo especial e muito especialmente trinchada, eu mordida um pedacinho de indignação contra as calúnias à santa cartilha do meu devoto credo. Mas a coisa interessava e eu ia colhendo as informações para julgar por mim oportunamente.

Na tabuada e no desenho linear, eu prescindia do colega mais velho; no desenho, porque achava graça em percorrer os caprichosos traços, divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo; na tabuada e no sistema métrico, porque perdera as esperanças de passar de medíocre como ginasta de cálculos, e resolvera deixar a Maurílio ou a quem quer que fosse o primado das cifras.

Em dois meses tínhamos vencido por alto a matéria toda do curso; e, com este preparo, sorria-me o agouro de magnífico futuro, quando veio a fatalidade desandar a roda.

(Raul Pompeia. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1963.)

25

Nesta passagem de *O Ateneu*, romance que a crítica literária ainda hesita em classificar dentro de um único estilo literário, a personagem narradora se refere ao ensino de religião cristã, desenho e matemática, mostrando atitudes diferentes com relação aos conteúdos de cada disciplina. Releia o texto e, a seguir, explique a razão de a personagem narradora declarar, no penúltimo parágrafo, que prescindia do colega mais velho no aprendizado de desenho.

Resolução

Diferentemente do que ocorria com a matemática, cujo estudo não seduzia o narrador, que nele se diz um “mediocre” sem esperanças, o trabalho com o desenho o atraía e entretinha: “achava graça em percorrer os caprichosos traços, divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo”. Este o motivo pelo qual, no caso, ele “prescindia do colega mais velho”, cujo auxílio lhe valia no estudo da religião e seria inútil no da matemática.

26

No primeiro parágrafo, a personagem Sanches, aluno mais velho que atuava como espécie de preceptor para os estudos de Sérgio, o mais novo, se refere a duas entidades da religião cristã, contextualizando valores opostos a cada uma delas. Identifique as duas entidades e os valores a que estão respectivamente associadas.

Resolução

Esta questão não está formulada com precisão, o que torna incerta a sua resposta. Com efeito, nem é precisa a referência a “duas entidades da religião cristã”, nem se entende bem o sentido da oração gerundial “contextualizando valores opostos a cada uma delas”. As entidades referidas podem ser o Céu e o Purgatório, mas podem também ser Deus (“o Altíssimo”) e Satanás. Os valores a que estão associadas tais entidades são o Bem (a virtude) e a beatitude eterna, no caso de Deus e do Céu, e o Mal, a Tentação (o pecado) e a danação provisória, no caso do Purgatório, ou eterna, no caso do Inferno, reino de Satanás.

27

Embora no uso popular a palavra *agouro* apresente muitas vezes a acepção de “previsão ruim”, seu significado original não tem essa marca pejorativa, mas, simplesmente, o de *prognóstico, previsão, predição, augúrio*. Leia atentamente o último parágrafo do fragmento de *O Ateneu* e, a seguir, explique, comprovando com base em elementos do contexto, em que sentido o narrador empregou a palavra *agouro*.

Resolução

O contexto em que se encontra a palavra *agouro*, núcleo do sujeito da oração, é enfaticamente positivo, seja no verbo metafórico – “sorria-me” – que constitui o seu predicado, seja no complemento nominal que a acompanha – “de magnífico futuro”. Portanto, o sentido de *agouro* só pode ser “prognóstico, previsão”, sem qualquer traço negativo.

28

Ao focalizar os pecados contra as virtudes estipuladas pela religião, no segundo parágrafo, o narrador de certo modo se diverte e faz um jogo de palavras com duas diferentes acepções de *carne*. Releia atentamente o parágrafo e explique esse jogo de palavras.

Resolução

Quando se falava em “pecados da carne”, a ingenuidade do narrador o levava pensar em carne bovina, que era a referência única da palavra em seu repertório infantil. Seu instrutor em matéria religiosa, que se enlevava na exposição das “mais cabeludas manifestações de Satanás no mundo”, corrigia-o pressurosamente, esclarecendo tratar-se de outra “carne”, que se prepara e come de outra maneira... Tais esclarecimentos eram para o menino, ao mesmo tempo, motivo de indignação e interesse.

Instrução: As questões de números 29 a 32 tomam por base um poema do repentista cearense Patativa do Assaré (1909-2002) e uma passagem do livro *O discípulo de Emaús* de Murilo Mendes (1901-1975):

BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO

[...]

Inquanto o Brasi de Cima
Fala de transformação,
Industra, matéria prima,
Descobertas e invenção,
No Brasi de Baxo isiste
O drama penoso e triste
Da negra necessidade;
É uma cousa sem jeito
E o povo não tem direito
Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
Nas ponta das pobre rua
O descontente cortejo
De criança quage nua.
Vai um grupo de garoto
Faminto, doente e roto
Mode caçá o que comê
Onde os carro põe o lixo,
Como se eles fosse bicho
Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
Estes fio do abandono,
Que veve vagando à toa
Como objeto sem dono,
De manêra que horroriza,
Deitado pela marquiza,
Dromindo aqui e aculá
No mais penoso relaxo,
É deste Brasi de Baxo
A crasse dos marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem tem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná.

Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redrobe,
O Brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
Vai havê transformação
Para os que veve sintindo
Abondono e sujeição.
Se acaba a dura sentença
E a liberdade de imprensa
Vai sê legá e comum,
Em vez deste grande apuro,
Todos vão tê no futuro
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
De riqueza todo cheio,
Mas, que o dono do podê
Respeite o dereito aleio.
Um grande e rico país
Munto ditoso e feliz,
Um Brasi dos brasilêro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasi nacioná
Sem monopolo istrangêro.

(Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva).
Cante lá que eu canto cá. 6.^a Ed. Crato:
Vozes/Fundação Pe. Ibiapina/Instituto Cultural do Cariri.
Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1986.)

O DISCÍPULO DE EMAÚS

A harmonia da sociedade somente poderá ser atingida mediante a execução de um código espiritual e moral que atenda, não só ao bem coletivo, como ao bem de cada um. A conciliação da liberdade com a autoridade é, no plano político, um dos mais importantes problemas. A extensão das possibilidades de melhoria a todos os membros da sociedade, sem distinção de raças, credos religiosos, opiniões políticas, é um dos imperativos da justiça social, bem como a apropriação pelo Estado dos instrumentos de trabalho coletivo.

(Murilo Mendes. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.)

Os dois fragmentos apresentados focalizam o mesmo tema de formas diferentes, em poesia e em prosa. Em seu poema, Patativa do Assaré reclama, entre outras coisas, da falta de liberdade sofrida pelo povo do *Brasi de Baxo*. No segundo período do fragmento de Murilo Mendes a mesma questão é abordada sob outro ponto de vista. Explique o que se fala nesse fragmento a respeito da liberdade.

Resolução

A questão formulada em termos gerais, abstratos, por Murilo Mendes – “a conciliação da liberdade com a autoridade” – toca no problema nacional que motiva a indignação de Patativa do Assaré, seja nas reclamações sobre a falta de liberdade para o “Brasi de Baxo” exprimir suas justas reclamações e demandas, seja nas queixas sobre o abuso de quem detêm a autoridade (o “dono do Podê”), que não respeita o “direito aleio”. Murilo Mendes, no trecho referido, reconhece, em sentido amplo, que o problema é “dos mais importantes”, sem mais especificações e parecendo associá-lo, em seguida, a um ideal amplo, coletivista e socializante de “justiça social”.

Patativa do Assaré criou um discurso poemático peculiar, que estiliza a fala popular e rural. Por isso, ao escrever seus poemas, usa também suas próprias normas ortográficas, bem como “regras” gramaticais desse linguajar do povo. Releia atentamente a terceira estrofe do poema e a reescreva em discurso considerado culto, sem se preocupar com a quebra do ritmo ou da rima.

Resolução

Estas pequenas pessoas,
Estes filhos do abandono,
Que vivem vagando à toa
Como objetos sem dono,
Que causam horror
Deitados sob marquises,
Dormindo aqui e acolá
No mais penoso abandono
É deste Brasil de Baixo
A classe dos marginais.

31

Relendo o primeiro período do fragmento de Murilo, podemos até imaginá-lo como uma resposta à sexta estrofe do poema de Patativa. Compare ambas as passagens e, a seguir, explique o que Murilo sugere para que na sociedade se possa atingir, como diz um texto, *Um Brasi de cada um*, ou o outro texto, *o bem de cada um*.

Resolução

Somente pode haver a transformação idealizada no texto de Patativa do Assaré (“Brasi de Baxo subindo”, “liberdade de imprensa”), ou seja, ascensão dos desfavorecidos e liberdade política, caso haja, segundo o texto de Murilo Mendes, a “execução de um código espiritual e moral” que atenda a todos os brasileiros, não apenas a um grupo de privilegiados.

32

Como Patativa imita o linguajar do povo, seu discurso poemático incorpora regras gramaticais desse linguajar, que não são as mesmas da norma culta. Estabeleça a diferença entre a concordância verbal utilizada pelo poeta nos versos *Onde os carro põe o lixo, / Como se eles fosse bicho* e a que se observa na norma culta.

Resolução

Nesses versos, a concordância, conforme a variante popular, flexiona em número apenas o determinante (artigo) e o pronome, pois, segundo a gramática desse linguajar, a flexão de substantivos e verbos seria redundante. Trata-se de uma regra de economia linguística.

Na norma culta, os verbos devem flexionar-se no plural, concordando com os sujeitos *os carros* e *eles*.

Instrução: Leia o texto *Human values and the design of computer technology* para responder as questões de números 33 a 36, em português.

HUMAN VALUES AND THE DESIGN
OF COMPUTER TECHNOLOGY

Batya Friedman

Introduction

Many of us when we design and implement computer technologies focus on making a machine work – reliably, efficiently and correctly. Rarely do we focus on human values. Perhaps we believe in value-neutral technology. Perhaps we believe that issues of value belong only to social scientists, philosophers, or policy makers. _____

_____ In their work, system designers necessarily impart moral and social values. Yet how? What values? Whose values? For if human values – such as freedom of speech, rights to property, accountability, privacy, and autonomy – are controversial, then on what basis do some values override others in the design of, say, hardware, algorithms, and databases? Moreover, how can designers working within a corporate structure and with a mandate to generate revenue bring value-sensitive design into the workplace?

Does technology have values?

Does technology have values? _____
About four decades ago, snowmobiles were introduced into the Inuit communities of the Arctic, and have now largely replaced travel by dog sleds. This technological innovation thereby altered not only patterns of transportation, but symbols of social status, and moved the Inuit toward a dependence on a money economy. Now a computer example. Electronic mail rarely displays the sender's status. Is the sender a curious lay person, system analyst, full professor, journalist, assistant professor, entry level programmer, senior scientist, high school student? Who knows until the e-mail is read, and maybe not even then. This design feature (and associated conventions) has thereby played a significant role in allowing electronic communication to cross traditional hierarchical boundaries and to contribute to the restructuring of organizations. The point is this: In various ways, technological innovations do not stand apart from human values. But, still, what would it mean to say that technology has values?

In terms of computer system design, we are not so privileged as to determine rigidly the values that will emerge from the systems we design. But neither can we abdicate responsibility.

(<http://books.google.com.br>. Adaptado.)

33

Segundo o texto, ao planejar e implementar tecnologias computacionais, consideramos os valores humanos? Por quê?

Resolução

Ao planejar e implementar tecnologias computacionais, raramente focamos em valores humanos. Talvez porque acreditamos em tecnologia isenta de valores, e que questões relacionadas a valores pertencem apenas aos cientistas sociais, filósofos e aqueles que fazem política.

34

Quais valores humanos são apontados no primeiro parágrafo do texto?

Resolução

Liberdade de expressão, direito à propriedade, dever de prestar contas, privacidade e autonomia.

35

Dos cinco enunciados apresentados, indique dois que completam adequada e respectivamente as duas lacunas indicadas no texto:

- (1) *The three arguments may be correct.*
- (2) *Let us consider two examples.*
- (3) *Moral and social values are not important.*
- (4) *Neither belief is correct.*
- (5) *One example is enough to illustrate my point.*

Resolução

O enunciado 4 completa adequadamente a lacuna no 1.º parágrafo do texto.

“Neither belief is correct.” = Nenhuma das duas crenças é correta.

O enunciado 2 completa corretamente a lacuna no 2.º parágrafo do texto.

“Let us consider two examples.” = Vamos considerar dois exemplos.

1.º exemplo: About four decades...

2.º exemplo: Now a computer example. Electronic mail...

A autora acredita que inovações tecnológicas possam ocorrer sem se considerar os valores humanos? Se sim, qual trecho do texto essa postura da autora torna-se explícita?

Resolução

A autora dá a entender que as inovações tecnológicas não estão desconectadas dos valores humanos.

No trecho: (...) “In various ways, technological innovations do not stand apart from human values. But, still, what would it mean to say that technology has values?”, e que, embora não possamos determinar rigidamente os valores que emergem dos sistemas computacionais desenvolvidos, não podemos abdicar dessa responsabilidade.

No trecho: “In terms of computer system design, we are not so privileged as to determine rigidly the values that will emerge from the systems we design. But neither can we abdicate responsibility.”

Segundo se pode verificar no site *Brasil Ponto a Ponto* (<http://www.brasilpontoaponto.org.br>), durante o ano passado, pesquisadores do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – perguntaram a internautas brasileiros “O que precisa mudar no Brasil para a sua vida melhorar de verdade?”. A análise das respostas permite criar um novo índice, o IVH – Índice de Valor Humano, para orientar as políticas públicas do país. As respostas, na média nacional, indicaram como os cinco pontos mais votados: educação, política pública, violência, valores, emprego. Surpreenderam-se os pesquisadores com o fato de muitas pessoas apontarem a inobservância dos valores morais como responsável pela situação do país e do povo brasileiro. No estado de São Paulo, por exemplo, a média das respostas dos internautas foi diferente da média nacional, colocando os valores morais em primeiro lugar: valores, educação, política pública, violência, emprego. Por isso, na sequência dessa pesquisa, no ano em curso, os pesquisadores estão fazendo questionários para detectar, na opinião popular, quais valores morais são fundamentais para a transformação do país.

Com base nesta informação e levando em consideração, se achar necessário, os textos que serviram de base às questões de números **29** a **32** e **33** a **36**, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, em norma padrão da língua, sobre o tema:

OS VALORES MORAIS E SUA
IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE.

Comentário à proposta de Redação

Os valores morais e sua importância na sociedade: este é o tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação. Caso achasse necessário, o candidato poderia considerar, além da proposição, dois textos que constaram da prova de Língua Portuguesa (*Brasi de Cima e Brasi de baxo*, do repentista Patativa do Assaré, e um fragmento de *O Discípulo de Emaús*, de Murilo Mendes), além de um texto da prova de Língua Inglesa (*Human values and the design of computer technology*, de Batya Friedman).

A leitura desses textos deve ter levado o vestibulando a refletir sobre os resultados de uma pesquisa, feita junto a internautas, que classifica os valores morais — cuja inobservância seria responsável pela “situação do país e do povo brasileiro” — como “fundamentais para a transformação do país”.

Na busca de possíveis explicações para esse fenômeno, caberia destacar a inversão de valores que caracteriza a sociedade atual — em sua maioria individualista, conformista e cada vez mais distanciada de questões cruciais, como a desigualdade social e o preconceito (racial, social, religioso etc.) — e a omissão do Estado no que diz respeito à criação de políticas públicas contrárias a tal situação. O fato de os valores humanos terem sido destacados representaria, pois, um contraponto ao cinismo que parece ter acometido tanto o “Brasi de cima” como o “Brasi de baxo”. Essa ausência de valores se evidenciaria também no planejamento e implementação de tecnologias computacionais, que, em nome da inovação, substituiriam direitos como privacidade e autonomia por uma nova ética, que privilegiaria o compromisso com a geração de lucros.